

# A CAPITAL FEITA PELOS BRASILIENSES

**“Como nasceu Brasília?  
A resposta é simples. Como  
todas as grandes iniciativas,  
Brasília surgiu quase de um nada”**

JUSCELINO KUBITSCHKE

Há cidades que inventam homens e há homens que inventam cidades. As duas primeiras capitais do Brasil pertencem à primeira categoria. Criaram povos, a imagem e semelhança do cenário que lhes cerca. Salvador moldou sua gente com o reboado e a mansidão dos mares baianos. O Rio de Janeiro emprestou ao carioca a beleza e a mandrágora de uma paisagem mutante que ora se esparrama em praias, ora se pendura em montanhas. Brasília pertence a outra cepa. É uma invenção humana esculpida pelas mãos desterradas de 30 mil peões que em três anos e dez meses transformaram o nada em metrópole modernista.

O Distrito Federal nasceu em 21 de abril de 1960, com 137.085 habitantes, 176 médicos, 93 dentistas, 22 juizes, 53 músicos, 69 domésticas, 16 lixeiros, 1.421 militares, 20 atores e um clima de babel tropical. Cinco meses depois da inauguração a cidade abrigava 24.677 goianos, 24.419 mineiros, 13.510 baianos, 12.518 cearenses, 7.293 cariocas, 6.899 paulistas, 998 gaúchos e outros 36.782 compatriotas dos mais variados confins. Todos deixaram para trás casas, raízes, sotaques, para erguer do barro vermelho a sede política do maior país da América Latina. Conseguiram muito mais do que isso.

Os pioneiros ensinaram seus filhos a amar uma terra que queima no outono e encharca no verão, criaram as primeiras gerações de nativos e transformaram brasileiro em identidade. O primeiro censo do DF, realizado em setembro de 1960, mostrou que apenas 5.918 moradores haviam nascido nessas paragens. Eram 5.918 meninos e meninas, todos com menos de quatro anos, muitos deles concebidos durante os anos da construção. Menos de meio século depois, o percentual de nativos pulou dos 5,65% iniciais para 46,3%. São homens, mulheres e crianças que aprenderam com seus antepassados a transformar sonhos em prédios, rebeldia em cidadania, acampamento em metrópole.

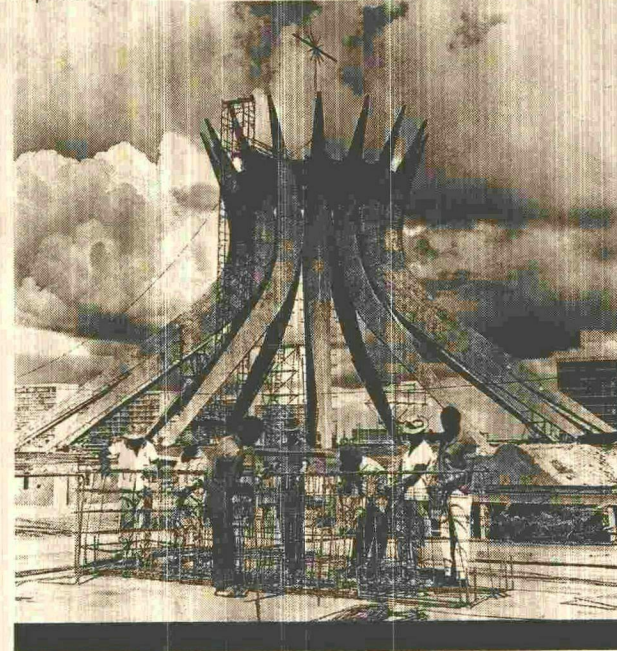
O Correio Braziliense, jornal gêmeo de Brasília, festeja seu 47º aniversário com uma homenagem a esses brasileiros da gema que, com talento, suor e alegria seguem construindo a interminável obra do JK. Durante duas semanas jornalistas e fotógrafos, 18 deles tão brasileiros quanto seus personagens, acompanharam o cotidiano de profissionais nascidos e criados nas terras outrora ocupadas pelos valentes índios avacanoeiros. O resultado: história

NO CONJUNTO DE FOTOS DESTA PÁGINA, UM  
POUCO DA HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE  
BRASÍLIA: OBRA DE FORASTEIROS QUE, POR  
NECESSIDADE OU APENAS DESEJO,  
PLANTARAM AQUI SUAS RAÍZES

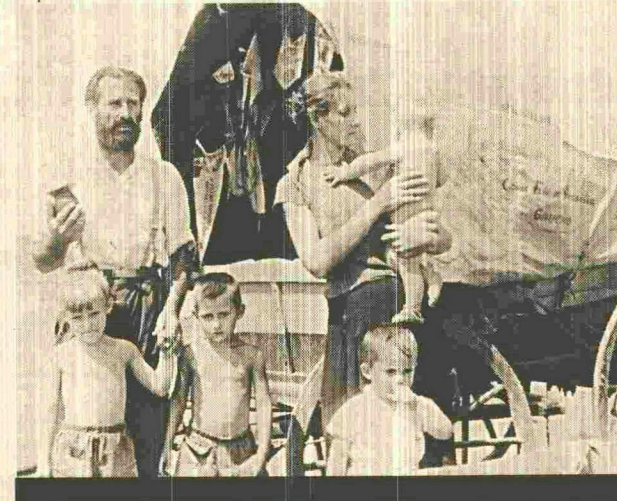
Arquivo/Arquivo Público do DF



Arquivo/CB



Arquivo Público do DF



de porteiros, professores, cozinheiros, doutores, advogados, cabeleireiros, funcionários públicos... Todos herdeiros do governante que, na manhã de 21 de abril, encerrou cinco séculos de um Brasil debruçado sobre o Atlântico.

**“Neste dia – 21 de abril – consagrado ao  
alferes Joaquim José da Silva Xavier, o  
Tiradentes, declaro, sob a proteção de  
Deus, inaugurada a cidade de Brasília,  
capital dos Estados Unidos do Brasil”.**

JUSCELINO KUBITSCHKE

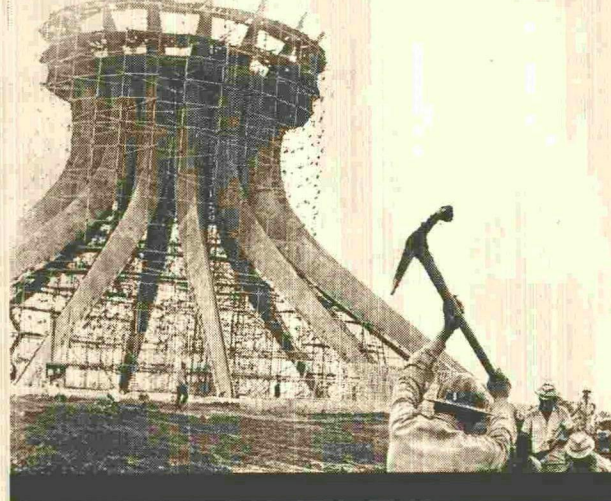
Brasília chega à maturidade com 2.333.108 habitantes bem diferentes de seus antepassados. Hoje 47% dos moradores são homens. Há 47 anos Brasília era uma espécie de harém às avessas – um paraíso para quem usava saias. Havia apenas 8.068 mulheres solteiras com mais de 15 anos de idade. Eram disputadas a tapa pelos 36.296 jovens casadoiros que perambulavam por aqui.

A parte o fantasma da traição, quem decidia casar tampouco vivia no melhor dos mundos. Só 3.123 casas tinham geladeira e apenas 1.349 famílias desfrutavam do luxo da época — uma televisão, eletrodoméstico que hoje está em 96,6% dos lares do DF, segundo os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a Pnad de 2005.

Poucos pioneiros podiam compensar as desventuras do amor lendo um bom livro ou ouvindo jogos de futebol no rádio. Somente 6.120 casas tinham rádios e quase a metade da população não sabia ler nem escrever. Havia 40.209 analfabetos com mais de cinco anos de idade e apenas 1.885 pioneiros tinham diploma de curso superior. Hoje há 158.906 pessoas formadas em faculdades e a escuridão do analfabetismo castiga 4,2% dos brasileiros — 11% ocupam a faixa dos analfabetos funcionais, aqueles que conhecem as letras, mas não entendem o que lêem. São percentuais ainda muito elevados que desafiam nativos e forasteiros a reinventar uma Brasília mais próxima da profecia de JK:

**“Desta solidão que em breve se  
transformará em cérebro das altas  
decisões nacionais, lanço os olhos  
mais uma vez sobre o amanhã do  
meu país e antevejo esta alvorada  
com fé inquebrantável uma confiança  
sem limites no seu grande destino”**

Arquivo/CB



A bailarina Micheline Santiago gosta de se apresentar em espaços livres como o Parque da Cidade e a Torre de TV e observar a reação dos brasilienses com a arte

# A DANÇA nas ruas

RAFAEL MESQUITA  
DA EQUIPE DO CORREIO

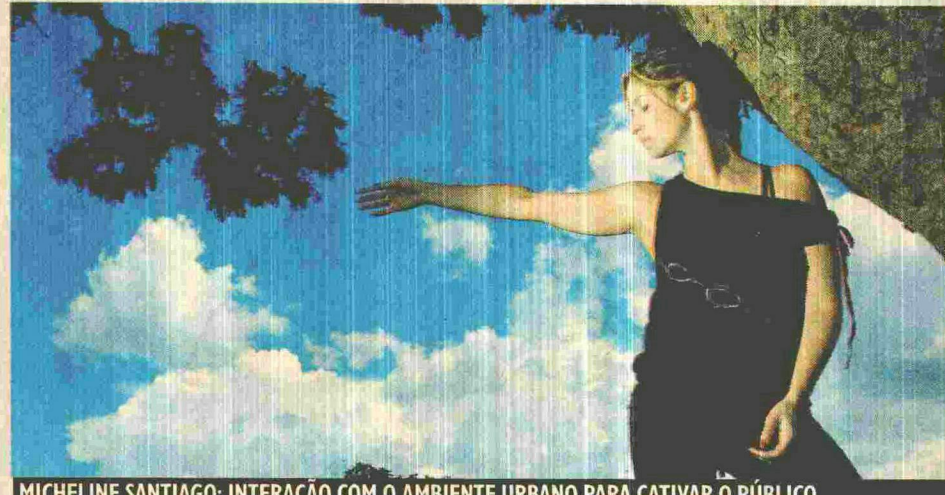
Micheline Diniz Santiago prefere ser chamada apenas pelo primeiro e último nomes. “É o artístico”, ressalta a bailarina brasiliense de 33 anos. Quando questionada se o que faz é balé, ela responde: “Gosto de balé, mas prefiro a dança contemporânea, porque nela posso criar mais movimentos”.

A dança moderna modificou as “posições-base” do balé clássico. A modalidade busca uma ruptura, chegando, às vezes, até mesmo a deixar de lado a estética, já que o importante é a transmissão de sentimentos e idéias. Para alguns especialistas, quem faz esse tipo de dança não é bailarino. Mas Micheline discorda. “Me considero uma bailarina até mesmo quando estou atuando em um espetáculo de dança contemporânea”, garante.

A história da brasiliense na vida artística começou cedo. Aos sete anos, Micheline iniciou as aulas de patinação. Em pouco tempo, ela já viajava com as apresentações por vários lugares do país. Aos 13, teve que largar a modalidade, porque o grupo de dança em que atuava na capital federal acabou. “E agora o que fazer?”, perguntou. A resposta foi encontrada quando ainda com 15 anos a brasiliense iniciou as aulas de balé no grupo Proposta Cia. de Dança. De lá para cá, a bailarina já passou por quatro companhias na cidade, entre elas a Basirah e a ASQ.

Atualmente, ela atua de forma independente. Dessa maneira, Micheline fez a sua mais recente apresentação, na 406 Norte. Ao ar livre, em meio ao concreto dos blocos tão típicos de Brasília, a bailarina atuou no espetáculo *Tu não te moves de ti*, inspirado na obra de mesmo nome da escritora paulista Hilda Hilst, falecida em 2004. E o público brasiliense não fez feio. Das janelas dos apartamentos ou das calça-

Daniel Ferreira/CB



MICHELINE SANTIAGO: INTERAÇÃO COM O AMBIENTE URBANO PARA CATIVAR O PÚBLICO

das, a população acompanhou e aplaudiu Micheline e as outras duas bailarinas que compunham o espetáculo. “Era interessante ver a reação das pessoas e modificar o ritmo delas. Isso é a democratização da cultura num país em que poucos têm acesso à arte”, acredita.

Além da 406 Norte, a bailarina já se apresentou ao ar livre em outros locais de Brasília, como o Parque da Cidade e a Torre de TV. E em qual espaço é mais difícil dançar, ao ar livre ou em espaços fechados? “É muito diferente. No teatro existe um chão, é mais difícil em locais abertos quando não se insere na idéia da dança”, explica Micheline.

Mas a bailarina tem multifacetos. Ela também é advogada, já se formou há cinco anos e trabalha como orientadora de estudantes em fim de curso. Entre o balé e o direito, a brasiliense é pragmática. “São duas atividades que gosto,

mas depende das propostas de trabalho que surgem e do retorno financeiro que trazem”, pondera.

Os pais da bailarina chegaram a Brasília já casados, em 1973. Como muitos outros funcionários públicos de todo país, Itacyr Uchoa Santiago, 67 anos, veio transferido do Banco do Brasil em Fortaleza para a capital federal. A mãe, Francisca Adilza Diniz Santiago, 62 anos, logo conseguiu emprego na cidade como professora primária. Além de Micheline, o casal teve mais dois filhos, o advogado Itacyr Uchoa Santiago Júnior, 28, e a psicóloga e também bailarina Monique

Diniz Santiago, 35 anos.

Em Brasília, Micheline analisa as dificuldades para profissionais que trabalham com arte. Pela falta de apoio financeiro a projetos culturais, muitos espetáculos não conseguem ter vida longa na cidade. Para a bailarina, isso acontece porque a capital federal está longe do chamado “circuito Rio — São Paulo.”

A brasiliense garante que, por conhecer muitas pessoas em Brasília, não sente a “frieza” da população da cidade, tão propagada por gente vinda de outros estados. Mas admite que a característica possa estar presente na cultura da capital. “Essa imagem foi construída por causa da disposição física daqui, onde existe grande distância entre o Plano Piloto e as satélites. Isso é transmitido para o comportamento das pessoas”, analisa.

ONDE  
NASCEU  
Hospital Santa  
Luzia, na Asa Sul

ORIGEM  
FAMILIAR  
Pai e mãe  
cearenses

LEMBRANÇA  
DE INFÂNCIA  
“Caminhar no  
verde da cidade,  
sobretudo em  
frente ao  
Congresso  
Nacional”

O QUE GOSTA  
EM BRASÍLIA  
Parque da Cidade.  
“Gosto do contato  
com o verde, a  
natureza.”

17

50 mil  
brasileiros  
nasceram  
em 2005

## Expediente

**Diretor de Redação**  
Josemar Gimenez  
(jgimenez@correioweb.com.br)

**Editora-chefe**  
Ana Dubeux  
(anadubeux@correioweb.com.br)

**Editor-executivo**  
Carlos Marcelo  
(carlosmarcelo@correioweb.com.br)

**Editor de Suplementos**  
Renato Ferraz  
(renato.ferraz@correioweb.com.br)

**Coordenação**  
Rovênia Amorim

**Edição**  
Carlos Alexandre, Carlos Tavares,  
Leonardo Cavalcanti,  
Renato Ferraz e Rozane de Oliveira

**Edição de Arte**  
João Bosco Adelfino de Almeida  
(jacobosco@correioweb.com.br)

**Edição de Fotografia**  
Luis Tajés  
(luis.tajes@correioweb.com.br)

**Revisão**  
Marluce Moreira Salgado

**Pesquisa fotográfica e de textos**  
Cedoo/CB